

Grupo de Fraternidade Espírita “Frei Germano”

**Rua Paraúna , nº 350 – Conjunto Celso Machado - Bairro Serrano – Belo Horizonte
Minas Gerais**

GRUPO DE ESTUDOS DA MEDIUNIDADE

----- 19º MÓDULO -----

1º TEMA

**OBSESSÃO – OBSESSÃO SIMPLES – FASCINAÇÃO – SUBJUGAÇÃO – POSSESSÃO
CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA**

2º TEMA

INIMIGOS

Objetivos Principais:

- O que é obsessão simples?
- Que é fascinação?
- Que é subjugação?
- Que é possessão?
- Meios de combater a obsessão.

Idéias Principais:

- A obsessão é sempre um processo bilateral, em cuja empreitada é preciso ter uma mente que emite e outra que recebe. O obsessor é sempre um Espírito astuto, afeito a caprichos pessoais, o qual faz valer, a qualquer custo, sua vontade arbitrariamente, ou, quando não, é um atrasado espiritualmente, que age por ignorância, vinculado por certas afinidades.
- ...os alicerces de qualquer ambiente espiritual começam nas forças do pensamento. Emmanuel Livro: Estude e Viva, lição 35.

OBSESSÃO – SIMPLES – FASCINAÇÃO – SUBJUGAÇÃO – POSSESSÃO

A OBSESSÃO É O MAIOR ESCOLHO DA MEDIUNIDADE. Os médiuns precisam estar sempre em guarda contra esse fato incômodo, desagradável, a rigor, a obsessão é sempre um processo bilateral, em cuja empreitada é preciso ter uma mente que emite e outra que recebe.

O obsessor é sempre um Espírito astuto, afeito a caprichos pessoais, o qual faz valer, a qualquer custo, sua vontade arbitrariamente, ou, quando não, é um atrasado espiritualmente, que age por ignorância, vinculado por certas afinidades.

O obsessor maldoso procura explorar o ponto fraco da vítima, e esta, de início, aceita o assédio como um processo estimulante, para depois, com o passar do tempo, arrepende-se do incômodo que a escraviza e a faz infeliz.

A obsessão lavra os maiores desastres espirituais no meio das pessoas sensíveis, que registram, com mais clareza, a atuação dos Espíritos, sobretudo, aquelas comprometidas com um passado faltoso.

Esses são os casos mais comuns que, frequentemente, se vêem nas Casas Espíritas, a desafiarem a Ciência médica, que, somente com o tratamento espiritual adequado, é possível conseguir apaziguar antigas rixas, antigos desentendimentos,

Só o amor puro e o esclarecimento da Doutrina Espírita se tornam o antídoto mais poderoso para a cura definitiva, pois o resto são paliativos aleatórios.

Os médiuns precisam estar sempre vigilantes, sempre atentos ao bem que fizerem; precisam-se imunizar contra o orgulho e a vaidade; se precatar contra os maus pensamentos; policiar a língua contra o vírus da maledicência e, uma arrancada de luz, direcionar a vontade na conquista dos patrimônios elevados do amor e da paz íntima, que se constituem na tão desejada felicidade.

A obsessão, portanto, é quase sempre decorrente de uma imperfeição moral, que permite a associação de idéias entre o obsessor e o absediado, em conseqüência da Lei de Causa e Efeito.

Dizem os espíritos que Deus permite a ação obsessiva, para pôr o homem à prova da paciência, da perseverança, do aprendizado, do respeito ao próximo e da fé na Divina Providência. (Gêneses – cap. XIV item 46 – A e B – Causas da Obsessão).

Na obsessão, os maus, pela lei de afinidade, apegam-se àqueles a quem têm acesso, por uma atração perispiritual muito forte e, quando chegam a dominar, impõem suas idéias, gostos e preferências.

Pode-se afirmar que o problema da obsessão é uma questão de atitudes mutuamente assumidas, pela similitude de pensamentos, pelas crenças, pelos sentimentos, pelas emoções e pelas diferentes tendências para reagir.

O predomínio de um Espírito sobre certa pessoa, apresenta-se em diferentes graus de intensidade; daí, a sua classificação em obsessão simples, fascinação, subjugação e possessão.

NA OBSESSÃO SIMPLES:

O obsediado tem consciência da interferência de um Espírito adverso ou enganador, e este, por sua vez, não se disfarça, não esconde suas intenções e desejos.

Ninguém está obsediado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso, pois, o melhor médium está sujeito a isso, sobretudo, no início, quando ainda lhe falta a experiência necessária.

A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito para impor sua vontade, da qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua. (LM, cap. XXIII, item 238) Na obsessão simples, o obsediado nem percebe a influência, porque se compraz no pensamento do outro.

NA FASCINAÇÃO:

O médium se encontra totalmente iludido e, muitas vezes, se afasta de pessoas que lhe poderiam dar conselhos úteis. Não percebe a atuação dos maus Espíritos; no dizer de Kardec (LM, cap. XXIII, item 239), ***“está submetido a uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium, que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações”***.

NA SUBJUGAÇÃO:

A influência do Espírito pode ser **moral** ou **corporal**, paralisando a vontade da vítima, que age sob um verdadeiro jugo.

“No primeiro caso (**moral**), o subjugado é levado a tomar decisões freqüentemente absurdas e comprometedoras, que, por uma espécie de ilusão, considera sensatas; é uma espécie de fascinação.

No segundo caso (**corporal**), o Espírito age sobre os órgãos materiais, provocando movimentos involuntários, levando-o, por vezes, a praticar atos ridículos. (LM, cap. XXIII, item 240).

O Espírito que subjuga penetra o Perispírito do Ser sobre o qual quer agir. O Perispírito do obsedado recebe como que um envoltório, o corpo fluídico do Espírito estranho, e, por esse meio, é atingido em todo o seu Ser; O corpo material experimenta a pressão sobre ele exercida de maneira indireta.

A POSSESSÃO:

Segundo Kardec (LM, cap. XXIII, item 241) é um termo usado por aqueles que acreditam nas penas eternas, que dizer, “seres criados perpetuamente voltados para o mal”, o que a Doutrina dos Espíritos não admite. Um segundo motivo para Kardec não ter adotado o termo **possessão**, no “O Livro dos Médiuns”, é porque implica “também a idéias de tomada do corpo por um Espírito estranho, numa espécie de coabitação, quando só existe constrangimento”.

Em a Gênese, cap XIV, itens 45 a 49, Kardec admite o termo **possessão** e o utiliza como forma de ação de um Espírito sobre o encarnado, distinguindo-a da **subjugação**.

Segundo ele:

Na **obsessão**, o Espírito atua, exteriormente, por meio de seu Perispírito, que ele identifica como o do encarnado; este último se encontra então enlaçado como numa teia e constrangido a agir contra sua vontade.

Na **possessão**, em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre substitui, por assim dizer, o Espírito encarnado; faz domicílio em seu corpo, sem que, todavia o deixe definitivamente, o que só ocorre com a morte.

A **possessão** é assim sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, dado que a união molecular do Perispírito e do corpo não pode operar-se senão no momento da concepção. (Gênese cap. XIV, item 47).

DIFERENÇA ENTRE OBSESSÃO E POSSESSÃO

O Espírito, em **possessão** momentânea do corpo, dele se serve como o faria com o seu próprio; fala por sua boca, enxerga pelos seus olhos, age com seus braços, como o teria feito se fosse vivo. Já não é mais como na mediunidade falante, na qual o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um Espírito desencarnado; é este último, mesmo, que fala, que se agita, e se o conhecemos quando vivo, reconheceríamos sua linguagem, sua voz, seus gestos e até a expressão de sua fisionomia.

Em síntese pode-se dizer que na **obsessão** o Espírito atua exteriormente por meio de seu Perispírito, e, na **possessão**, faz domicílio no corpo do encarnado, que cede seu corpo voluntariamente, ou involuntariamente, quando o possessor é um Espírito mau, ao qual o posseso não tem força moral para resistir.

Tanto na **obsessão**, como na **possessão**, dizem os Espíritos, essa dominação não se efetua jamais sem a participação daquele que sofre, **seja por fraqueza, seja pelo seu desejo**. Dizem: “Freqüentemente, se têm tomado por possessos criaturas epiléticas ou loucas, que mais necessitam de médico do que de exorcismo”. (L.E., 474)

OBSESSÃO – CAUSAS DA OBSESSÃO – MEIOS DE COMBATE-LA

Os Espíritos informaram que a obsessão jamais se efetua sem a participação do obsedado, seja por fraqueza, seja pelo seu desejo. No primeiro caso, frequentemente, estão associadas as responsabilidades da Lei de Causa e Efeito e, no segundo, as tendências de comportamento do homem.

Igualmente, fala Emmanuel em: “Estude e Viva” na lição 35, que “é forçoso recordar, sobretudo, que os alicerces de qualquer ambiente espiritual começam nas forças do pensamento”. Completando seu esclarecimento: “sempre que você experimente um estado de espírito tendente ao derrotismo, perdurando há varias horas, sem causa orgânica ou moral de destaque, avenge a hipótese de uma influência espiritual sutil”.

Coloca Emmanuel como fatores que mais revelam essa condição da alma, as dificuldades de concentrar idéias em motivos otimistas; indisposição inexplicável, tristeza sem razão aparente ou pressentimentos de desastres imediato, aborrecimentos imanifestos, pessimismo sub-reptícios, irritações surdas, hiper-emotividade ou depressão e tantos outros motivos.

Os motivos, as causas da obsessão variam segundo o caráter do Espírito (LM, cap. XXIII, itens 245 a 254).

- Vingança contra desafetos do passado;
- Desejo de fazer os outros sofrerem, quase sempre por ignorância, inveja, covardia etc.;
- Desejo de impor suas idéias para dominar, desunir, destruir;
- Divertimento com a impaciência da vítima, porquanto ao se zangar faz precisamente o que ele quer;
- Apego a pessoas por ligações afetivas do passado.

O meio mais eficaz de combater a obsessão, levando à sua cura, é através da mudança interior do obsediado, quebrando-se, assim, o elo entre a vítima e o obsessor, formado pela lei das afinidades; a aquisição de sentimentos elevados como a humildade, o perdão, a tolerância, a paciência, o arrependimento, condições de fortalecimento da alma para resistir aos arrastamentos sugeridos.

Um tratamento complementar consiste no trabalho de desobsessão, levando ao Espírito obsessor o esclarecimento dos princípios doutrinários, coadjuvado por um serviço de passes com fluidos salútares para fortificação perispiritual. Será necessário levar o Espírito perverso a renunciar os seus desígnios: é preciso fazer nascer o arrependimento e o desejo de fazer o bem.

Pode-se dizer que duas são as medidas essenciais:

1. S reforma íntima de ambos, por sua imperfeições morais, e
2. A prece a Deus e a vigilância na atitudes, para se guardarem na proteção dos Bons Espíritos.

O tratamento, deve ser feito, segundo as características de cada processo obsessivo, cujo reconhecimento decorre dos seguintes sintomas: (LM, cap. XXIII, item 243)

- Insistência de um Espírito em comunicar-se, queira ou não o médium;
- Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações recebidas;
- Crença na infalibilidade absoluta dos Espíritos;
- Disposição para afastar-se das pessoas que podem esclarecê-lo;
- Intolerância para as críticas feitas às comunicações que recebe;
- Necessidade constante e inoportuna de escrever;
- Constrangimento físico qualquer, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar a contragosto seu;
- Ruídos e desordens constantes ao redor do médium, dos quais é ele a causa de tudo ou o objeto.

André Luiz, em “Missionários da Luz”, cap. XVIII, mostra que o tratamento é diferente, conforme o grau de intensidade da obsessão. Relata, inclusive, um caso de “possessão”, dizendo que a obsediada estava *“cercada de entidades agressivas, seu corpo tornara-se como que habitação do perseguido mais cruel. Ele ocupava-lhe o organismo, desde o crânio até os pés, impondo-lhe tremendas reações em todos os centros de energias celular. Fios tenuíssimos, mas vigorosos, uniam, ambos, e, ao passo que o obsessor nos apresentava um quadro psicológico de satânica lucidez, a desventurada mulher mostrava aos colaboradores encarnados a imagem oposta, revelando angústia e inconsciência”*. Deixa finalmente registrado, que o tratamento deve ser sempre na base do amor e do esclarecimento.

No capítulo IX de “Nos domínios da Mediunidade”, André Luiz mostra, também, outro caso de possessão, ocorrido num doente de epilepsia, decorrente de dívidas do passado, em que mais uma vez esclarece a importância do amor no tratamento, informando que a cura depende do entendimento de cada um.

DE MODO GERAL, TODOS OS HOMENS ESTÃO SUJEITOS À OBSESSÃO, MAS OS MÉDIUNS, CERTAMENTE, MAIS QUE OS OUTROS, ENLAÇADOS EM TREMENDAS PROVAS, DEVEM APRENDER, SEM DESANIMAR, E SERVIR AO BEM, SEM ESMORECER.

Diz Kardec (LM, cap. XXIII, item 251) que “não há nenhum processo material, nenhuma fórmula, sobretudo, nenhuma palavra sacramental, com o poder de expulsar os

Espíritos obsessores. O que falta em geral ao obsediado é força fluídica suficiente, Nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador pode dar-lhe uma ajuda eficiente”.

Em “Obras Póstumas” capítulo “Manifestações dos Espíritos”, § 7º, item 58, Kardec menciona, quando dois homens lutam corpo a corpo, aquele que dispõe de mais fortes músculos é que abate o outro. Com um Espírito, tem-se de lutar, não corpo a corpo, mas Espírito a Espírito, e é ainda o mais forte que triunfa. Aqui, a força reside na **autoridade** que se possa exercer sobre o obsessor, e essa autoridade está subordinada à superioridade moral.

Temos que nos persuadir de que não há, para alcançarmos aquele resultado, nem palavras sacramentais, nem formular, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer.

Antes, pois, de pretender domar um Espírito mau, que se cuide o homem de domar a si mesmo, e isto ele consegue, através da boa vontade, secundada pela prece e pela vigilância: ***“Ajuda-te a ti mesmo, e o Céu de ajudará”***.

PERDÃO

O exercício do perdão é uma virtude de relevante importância, no que tange ao aprimoramento das qualidades morais e espirituais do indivíduo.

Em (Mateus, cap. 5:25 e 26), Jesus recomendou: ***“Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais a caminho com ele, para que não suceda que ele vos entregue ao juiz, e o juiz vos entregue ao seu ministro, e não sejais metido em prisão. – digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não tiverdes pago o último centavo.”***

Destas palavras do Mestre se deduz que o homem deve reconciliar-se com o seu adversário, enquanto está com ele na Terra, para que não venha deparar-se com a dura contingência de, no Plano Espiritual, após ultrapassar o limiar do túmulo, ter que sofrer as penosas agruras, motivadas pelo seu endurecimento e falta de amor fraterno, além de, na porvindoura existência, ter que, muitas vezes, sofrer os duros embates de vinganças que venham a ser traduzidas em obsessões, das quais não se livrará, enquanto não se quitar com a Justiça Divina.

Praticando o perdão, o homem ocasiona, além de um efeito moral, também um efeito de ordem material. A morte do corpo físico não livra o Espírito da ação dos adversários. É evidente que os Espíritos, que alimentam sentimentos de vingança, perseguem sempre, mesmo estando na vida espiritual, aqueles que são considerados seus inimigos. Por isso, observam-se, na Terra, quadros terríveis de obsessão, pois esses Espíritos trevosos esperam, pacientemente, que o Espírito, a quem querem mal, esteja encarcerado num corpo, para mais facilmente o atormentarem, atingindo-o nos seus interesses ou nas suas mais íntimas afeições.

Existem dois modos diversos de perdoar: o primeiro é de ordem elevada; é nobre e generosa, sem segunda intenção, que evita ferir o amor próprio, os brios do inimigo; é o perdão com esquecimento, com misericórdia; o segundo é aquele, no qual o ofendido, ou o que tal se julga, impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir todo o peso de um falso perdão, sem nenhum resquício de amor; se estende a mão ao ofensor, não o faz com sinceridade, com benevolência, mas com ostentação, tudo com o fito de passar aos olhos alheios como uma pessoa altamente generosa, Num evento como esse, não há uma reconciliação sincera, mas pura hipocrisia.

Recomenda-se aos Aprendizes do Evangelho a prática do perdão constante, como forma de exercitar, permanentemente, a caridade e a tolerância com o próximo. Jesus ensinou que não se deve perdoar até sete vezes, “mas até setenta vezes sete”. (Mat. 18:22).

Na prece do Pai Nosso, também chamada de Oração Dominical, ensinada por Jesus aos apóstolos, há uma súplica a Deus: **Pai, perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores;** no entanto, muitos dos que oram, esquecem-se de perdoar as mínimas faltas dos seus semelhantes, continuando a manter os seus corações impregnados de ódio, de rancor.

BIBLIOGRAFIA:

- 1 – FEESP, Curso de Educação Mediúnica
- 2 – Livro dos Médiuns – Allan Kardec
- 3 - Missionários da Luz”, cap. XVIII - André Luiz.